



CARTOGRAFIA DE UM COMENTÁRIO DE TRADUÇÃO

CARTOGRAPHY OF A TRANSLATION COMMENTARY

Alba Escalante¹

RESUMO

Na tentativa de expandir as reflexões sobre pesquisa em Estudos da Tradução, este trabalho propõe a tradução comentada como escrita cartográfica da zona de tradução. O território é a tradução de teorias psicanalíticas. A zona de tradução segue o rasto das pistas deixadas nas situações em que o termo *inmixing*, referido ao sujeito do inconsciente, é apresentado na teoria de Jacques Lacan. Trabalhamos com as traduções desse termo a partir da sua introdução no título da conferência de 1966: *Of structure as an inmixing of an otherness prerequisite to any subject whatever*. Passamos por outros lugares das traduções de Lacan, guiados pela presença desse termo até chegar em produções de psicanalistas latino-americanos vinculados a seu ensino. Intuímos que, na época da chamada Conferência de Baltimore, o psicanalista optou por mesclar línguas apontando o potencial da tradução. Em nossas pistas, as línguas de tradução apresentam a força da multiplicidade. Esses sinais de desterritorialização, foram pausados quando, via tradução, a forma institucional passa a estabilizar os enunciados.

Palavras-chave: zona de tradução; Psicanálise; cartografia.

ABSTRACT

To widen reflections on research in Translation Studies, this paper proposes annotated translation as a cartographic writing of the translation zone. The territory is the translation of psychoanalytical theories. The translation zone follows the trail of clues left in situations where the term inmixing, referring to the subject of the unconscious, is presented in Jacques Lacan's theory. We work with the translations of this term starting from its presentation in the 1966 lecture: Of structure as an inmixing of an otherness prerequisite to any subject whatever. We go through

¹ Dra. em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), professora adjunta da Universidade de Brasília (UnB).
<https://orcid.org/0000-0001-5740-7694>

other places in Lacan's translations where the term appears. We arrive at productions of Latin American psychoanalysts linked to his work. We sense that, at the time of the so-called Baltimore Conference, Lacan chose to mix languages, pointing out the potential of translation. In our tracks, the languages of translation present the force of multiplicity. These signs of deterritorialization cease when, through translation, the institutional form stabilizes the utterances.

Keywords: *zone of translation; Psychoanalysis; cartography.*

A MODO DE APRESENTAÇÃO

Existem diversas maneiras de produzir pesquisas nos Estudos da Tradução. Podemos, por exemplo, traçar caminhos que visam as formas, seja para detectar invariantes, elencar categorias de problemas, especificidades textuais etc. Também, é possível – ou pelo menos é isso que tentaremos apresentar – pesquisar tradução atendendo menos às codificações e mais aos movimentos de fluxos e forças. Neste trabalho optamos pela segunda opção que chamaremos, provisoriamente, de *pensamento cartográfico*. Trata-se de um movimento que consiste em nos deixar capturar por uma lógica de composição cartográfica, indagação de cunho ético e político. Mas porque isso nos interessa? Talvez porque vivemos assombrados pelos binarismos da tradução. Então, como se organiza o movimento da tradução mais além dos binarismos de isto ou aquilo? Essa é uma pergunta que nos convoca ao movimento.

Quando falamos de ética, fazemos eco à denúncia de Meschonnic (2007, p. 10) quando se refere à moralização habitual da deontologia. Por isso, sem negar a necessidade de códigos de ética que regulam as práticas sociais, como é caso da tradução, por ser esta uma experimentação cartográfica, ética e política são concebidas como indissociáveis; o imprevisível é acolhido; renuncia-se ao *a priori* como garantia, e não se pretende um “ser” como lugar de saída ou de chegada. Dito de outro modo, os códigos de ética, o estado das coisas, as regras, “situam-se no domínio dos deveres”, já a experimentação cartográfica, “onde as linhas de fuga se fazem potencialmente mais presentes”, suscita o domínio dos “devires” (Costa, 2020, p. 14). No território de composição cartográfica, ética e política implicam incorporar na reflexão os “limites do saber e os constrangimentos da matéria” (Kastrup, 2009, p. 49).

Entendemos a tradução como potencial zona de relação, produtora de linhas de variação, estabilização, desvio, alteração que, por não estar sujeita a uma lógica pré-estabelecida, ora nos tranquiliza, ora nos pega de surpresa. Aqui, *zona* é entendida como território, mas também como dobra que se desdobra e provoca uma certa situação de caos que nos tira dos eixos, uma *zona*. A pergunta pelo que isso quer dizer cede seu espaço à pergunta sobre como isso funciona, colocando em suspense a compreensão, uma questão de método:

O “método” para lidar com a não compreensão não é o de harmonizar, especialmente não muito e não muito rápido, mas o de transportar-se para a “zona de tradução” e permanecer o máximo tempo possível nesse *in-between*, entre-dois ou mais de dois, a fim de tornar-se um intermediário um pouco melhor, um *go-between* (Cassin, 2022, p. 44).

Vamos nos referir à tradução de teorias psicanalíticas, atividade extremamente convidativa para pensar redes de conexões complexas e inesperadas. Assim, pretendemos desenhar um ensaio

cartográfico de comentários de traduções. Para tanto, definimos o território que atravessa várias situações de tradução de teorias psicanalíticas, notadamente, produções realizadas em espanhol e português e traduzidas para essas línguas. Tais elaborações encontram-se no marco da produção lacaniana latino-americana, mas o que as reúne neste exercício é um elemento específico da teoria do psicanalista francês Jacques Lacan. A nosso ver, esse elemento é uma das propostas mais curiosas das diversas tentativas de teorização do sujeito do inconsciente.

Ao longo da exposição, tentaremos esboçar a composição de vários momentos de tradução, com materiais diversos, que deságuam nesse aspecto teórico (elemento, conceito, palavra...) cuja intensidade nos conduziu para a *zona*. Vamos apresentá-lo gaguejante: *Intromistura, Inmixing, Inmixión, Immixtion...*

A escrita do texto, apresentada “pronta” para leitura, cria a ilusão de apagamento daquilo que permitiu a sua realização. Entretanto, a zona de tradução, passível de ensaio cartográfico, pode referir não apenas a um território claro e distinto, mas também às forças que resistem e insistem até serem apaziguadas na representação. Embora seja difícil perceber como chegamos ao hábito, como nos detemos na representação, queremos olhar, no nível micropolítico, a possível agitação. Como dar conta da zona de tradução? Como apresentá-la sem representá-la? Quais acidentes desse complexo entramado de relações entre línguas, no plural, pode ser desenhado na escrita? Queremos sugerir esboços de respostas vinculando *tradução comentada* com a escrita da *zona de tradução*.

SOBRE TRADUÇÃO COMENTADA

Revisitando produções que tratam sobre o tema da tradução comentada, identificamos algumas tentativas de definição. Tal é o caso do material, de caráter pedagógico, proposto por Williams e Chesterman (2002) que coloca, em uma primeira categoria de tipos de pesquisa sobre análise textual e tradução, a tradução com comentários (*translations with commentary*) como uma das modalidades de registro consciente do processo de tradução. Trata-se de uma definição útil, abrangente, com finalidade classificatória, que não entra em pormenores.

Zavaglia, Renard e Janczur (2015) assinalam como o crescimento dos Estudos da Tradução no âmbito acadêmico provocou perguntas sobre o tema da tradução comentada. Após uma discussão com outros autores, indicações contextuais e vinhetas que ilustram essa prática, detecta-se nessa proposta que o tensionamento de dicotomias conduz para uma multiplicidade momentânea de alternativas. A ideia de autoconsciência e qualidade dos autores precedentes retorna, há também direcionamento para a ideia de gênero textual, e uma consideração sobre como, no meio acadêmico, essa ideia de gênero parece diluída. Para discussões futuras, propõem a distinção entre o que acontece na academia e em outros contextos nessa relação entre tradução e comentário.

Para Escalante (2015) tradução e comentário possuem um caráter indissociável, sendo o comentário o testemunho em diferido dos desdobramentos da tradução. Para ela a disciplina do comentário acompanha e se confunde com a história da tradução, especialmente quando se trata de glosar os impasses, indicando que essa prática costuma estar atrelada a uma espécie de salvo-conduto dos problemas.

Em outro texto consultado, Torres (2017, p. 18) elenca um conjunto de características da tradução comentada, a saber: caráter autoral, metatextual, discursivo-crítico e histórico-crítico. Para a autora, além de um gênero acadêmico-literário que permite teorizar e explicitar processos, modelos e escolhas de tradução, traduzir e comentar são permutáveis, e apresentam uma temporalidade tal que, ora a tradução antecede o comentário, ora o precede.

Como se pode perceber, os balbucios teóricos cedem lugar a formulações cada vez mais instigantes. O que é uma tradução comentada, eis uma pergunta que faz pendular as possíveis respostas que vão da categorização à problematização. Certamente, é necessária alguma circunscrição, mas sem nos deixar hipotecar pela inércia do pensamento. Assim, podemos pensar que tradução comentada é fluxo, uma terceira margem do rio, com instantes de estabilização.

Tradução comentada, e escrita da zona de tradução, e cartografia e... nos sugere, mais do que uma política estritamente autoanalítica, um nomadismo esquizoanalítico que se realiza na escrita do conjunto de linhas de composição, mas “essas linhas não querem dizer nada. É uma questão de cartografia” (Deleuze; Guattari, 2019, p. 84). Vamos adiar, na medida do possível, as máquinas de interpretação. “A esquizoanálise ou a pragmática não tem outro sentido: faça rizoma, mas você não sabe com o que pode fazer rizoma, [...]. Experimente” (Deleuze; Guattari, 2020, p. 36).

CARTOGRAFIA DO COMENTÁRIO

Tendo em vista o caráter de prática de escrita inerente à tradução, traduzir, produzir paratextos – seja na forma de prefácios, notas, rascunhos públicos ou diários íntimos – fazem parte do extenso catálogo de apresentações do comentário sobre, de, em, para tradução.

A prática aqui referida está atrelada ao exercício cartográfico, indagação concomitante ao traduzir, mas também, posição ética e política de sustentação do não saber. Temos interesse nas forças e formas que, traçadas na escrita, acompanham o percurso em um território de perímetros flexíveis. O cartógrafo se empresta e dispõe à travessia que, por sua vez, o atravessa (Kastrup, 2009, p. 50) para escrever linhas de intensidades variadas. Trata-se de um esforço, pois sempre será compelido pela estabilidade. De fato, é curioso que o masculino genérico se imponha: por que o cartógrafo? Como menciona Barbara Cassin (2022, p. 73): “A exigência de univocidade é tão estruturante quanto a proibição do incesto”. Tentamos sufocar as oposições binárias. O recurso de uma escrita plural – nos – permite acolher as multiplicidades de vozes que conformam o texto.

Começamos por um quadro para informar. Nele há um apanhado não exaustivo das várias apresentações do elemento de tradução escolhido para esta cartografia:

Quadro 1

Inglês	Inmixing, Inmixture
Português	Intromistura, “inmixture”, Imisção, fusão
Espanhol	‘inmixing’, mixtura, intromisión, inmixión inmiscusión, entrometimiento...
Francês	Immixture, inmixture

Fonte: elaboração própria.

É possível observar, especialmente em espanhol, a multiplicidade. Na língua de tradução proliferam as variações: “uma língua não se fecha sobre si mesma senão em uma função de impotência” (Deleuze; Guattari, 2021, p. 23):

Defendo que a tradução [...] viola regularmente o princípio de não contradição na medida em que há mais de uma (mais de uma: possível/boa/correta/verdadeira?) porque isso é suficiente para infringir o princípio, pelo menos em sua forma aristotélica. O princípio da não contradição baseia-se na exigência de univocidade escrita: uma palavra, um sentido ou, de todo modo, nada de dois sentidos de uma vez, dois significados ao mesmo tempo. Assim, com a tradução, há sempre um confronto entre dois equívocos não sobreponíveis (Cassin, 2022, p. 71-72).

A tradução tem um efeito de multiplicação, a tradução comentada como prática de escrita, “arrasta a língua para fora dos seus sulcos costumeiros, leva-a a delirar” (Deleuze, 1997, p. 9). A oportunidade de traduzir um texto teórico do português para o espanhol abriu o espaço fechado da equivalência para uma proliferação de opções, caminhos, vias, por vezes confusas e delirantes.

Traduzir teorias é traduzir o pensamento em elaboração, o chamado *work in progress*, e isso supõe revelar o incômodo das lacunas, dos paradoxos, das idas e voltas. Traduzir teorias psicanalíticas engendra desdobramentos que ficam à margem do texto finalizado, pois muitas vezes é preciso aguardar, fazer parte da unidade, para depois renunciar e deixar que as fissuras da tradução provoquem reviravoltas na tradição de leituras canônicas, produzindo transformações epistêmicas passíveis de retirar da inércia os campos adormecidos pela estabilidade do pleiteado território disciplinar.

Esclarecemos que algumas das informações apresentadas neste ensaio constituíram o trabalho de uma tese de tradução comentada (Escalante, 2015). A dúvida sobre o que seria tradução comentada não nos abandonou. De lá para cá, aconteceram prolongações dessa dúvida. Outros trabalhos de tradução faziam retornar essa e outras questões – as mesmas? Sim e não. Sim, porque se repetiam dúvidas de tradução – *inmixión*, por exemplo –; não, porque a potência da pergunta mudava de intensidade, de línguas. “O que é?” cedia o lugar ao “como?”, índice de torção.

Cabe salientar que, embora não seja o nosso propósito trazer para a discussão a pertinência ou não desse conceito (*intromistura*, *inmixión*...), a escolha para este comentário cartográfico está atrelada ao potencial atravessamento em nossas reflexões. O sujeito do inconsciente concebido em imissão, a superfície cartográfica, o comentário, podem ser pensados em uma topologia moebiana.

Pegamos uma fita retangular de papel, juntamos os dois extremos. O círculo se fecha, estamos em um espaço euclidiano, um cilindro: duas bordas, duas caras. Pensemos na mesma fita e, agora, antes de juntar os extremos, fazemos um tipo de torção, uma semitorção. A primeira superfície, aquela que juntava os dois extremos é bilateral: ou dentro ou fora. Já a segunda, a fita de Möbius, é caracterizada por apresentar uma borda, um lado e uma cara (Tomei, 1993). Para nós, tradução, psicanálise, cartografia e comentário são domínios do entre. Por isso, a fita de Möbius, superfície topológica ou artefato matemático recreativo, é uma metáfora para ilustrar o que parece ter dois lados, duas bordas, dentro e fora, início e fim, mas a partir de operações – como o traçado de linhas – o espaço higiênico do binarismo se desmancha, o um faz multiplicidade. A formiga que vai percorrendo a fita, fica desnordeada. De que lado estava?

O mote, Lacan em Baltimore, conferência proferida em 1966 pelo psicanalista francês, performa o próprio movimento de multiplicidade, de contaminação, de fusão de elementos que, uma vez misturados, não podem ser separados, perdendo assim suas supostas propriedades anteriores, impedindo a sua identificação, quebrantando outro dos princípios da lógica aristotélica, a saber, a identidade. Esse *inmixing* que está no título da conferência: *Of structure as an inmixing of an otherness prerequisite to any subject whatever*, prenuncia o que na tradução é traçado, como a formiga, no percurso.

Presente em alguns momentos da elaboração lacaniana sobre o sujeito do inconsciente, a ideia daquilo que, nas línguas da tradução, toma formas diversas, desafia tradutores e psicanalistas. Pelo que conseguimos pensar, *inmixing* parece referir ao que há de mais puro em uma zona de contaminação; contaminação esta que coloca em xeque o antigo conjunto de binarismos, como é o caso de mesmidade ou alteridade em lados opostos.

A metáfora da superfície do sujeito do inconsciente, assim como a tradução, é discernível em função de suas propriedades moebianas. Para que a fita, objeto que ilustra a composição, tenha

essa forma, é preciso colocar a mão na massa e operar. Eis que Lacan em Baltimore vai provocar, e provocar a conta, e o fará ilustrando com uma fita de Möbius. Nós, tentamos dar conta de contar, até onde for possível, apresentando uma série de pistas.

AS PISTAS

Um certo incômodo provocado pelo imperativo disciplinar atravessava as leituras e discussões do grupo de pesquisa Tradução e Psicanálise.² Pode ser sintomático, pois o texto escolhido para dar início aos trabalhos foi uma tradução do conhecido ensaio de Freud de 1919, *Das Unheimlich*. Essa tradução, realizada por Paulo Sérgio de Souza Jr., leva como título *O incômodo* (Freud, 2021). Foi o incômodo que veio à tona. Fomos desterritorializados pelo título, pelos textos escolhidos para compor a edição e pelas escolhas inusitadas do tradutor. De repente, a nossa disciplina – uma vez por mês – irrompia em indisciplina (Arduini; Nergaard, 2011). Aproveitamos, então, para revisitar percursos de leitura, pesquisa e tradução, em conjunto com a incursão em alguns momentos da obra de Deleuze e Guattari (2021).

Do lado da psicanálise, fomos nos posicionando em relação à aversão provocada por uma tradição de leitura de *O Anti-Édipo* (Deleuze; Guattari, 2010) que faria impossível reunir na discussão as ideias de Lacan com as de Deleuze e Guattari. O livro de Barbara Cassin, *Elogio da tradução*, proporcionou dicas para entender que essa briga não era nossa.

Após uma série de reflexões, escolhemos apostar nas possibilidades ofertadas pelo recurso da cartografia. Pensamos em linhas. Com elas, compomos cristalizações, linhas duras, binárias, segmentos rígidos convivendo com linhas flexíveis, produtoras de fissuras, micropolítica. O molar do território de uma língua, rachado pelas “imagens de pensamento sintético-disjuntivas (e...e...e), movimento este de suma importância para cartografar” (Costa; Amorim, 2019, p. 921). Assim, na série de *O estranho, O inquietante, O infamiliar...* introduzimos *O incômodo* desses momentos em que o fora de lugar é potência criadora.

Nossos ensaios cartográficos pretendem performar o caráter nômade que envolve a tradução (Arduini; Nergaard, 2011), as errâncias, quiçá, como uma forma de refletir sobre esse traço, revelando a necessidade de produzir uma escrita da agitação. Fomos agitados, após a inércia, por uma via de trabalho que não oferece garantia, dado que inverte o método que consiste em caminhar para atingir metas preestabelecidas. Assim, damos lugar a um “caminhar que traça, no percurso, suas metas” (Passos; Barros, 2009, p. 17). “Nesse percurso nada mais é fixo; nada mais é origem; nada mais é centro; nada mais é periferia, nada mais é, definitivamente, coisa alguma” (Rolnik, 2016, p. 61); só podemos oferecer pistas, pistas dos movimentos.

Pista 1: *Intromistura*

Uma palavra que surge na primeira nota de rodapé do livro *O sujeito e seu texto* (Palazzo Nazar, 2009). *Intromistura*. O que é isso? Pergunta ruim, paralisante. Traduzir é preciso, melhor se movimentar, mesmo sem saber onde vamos parar. É a impotência do não saber o que nos detêm e, paradoxalmente, aquilo que nos movimenta. *Google*, indica que se trata uma conferência proferida por Jacques Lacan em 1966, na cidade de Baltimore, na Johns Hopkins University.

² Grupo de pesquisa Tradução e Psicanálise: dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/0991635190935929

Da estrutura como intromistura de um pré-requisito de alteridade de um sujeito qualquer (Lacan, 1976), esse é um dos textos que compõe um livro intitulado *A controvérsia Estruturalista: as linguagens da crítica e as ciências do homem*. Publicado por Cultrix, em 1976, foi traduzido do inglês por Carlos Alberto Vogt e Clarice Sabóia Madureira.

Os paratextos que acompanham o livro nos proporcionam informações dos bastidores. Um evento que reúne figurões – todos homens – de dois continentes (Europa e América – do Norte, para sermos precisos), realizado durante a semana de 18 a 21 de outubro de 1966. Com apoio de instituições, recursos financeiros e colaborações, é resultado de um árduo trabalho de preparação. O livro, que estamos consultando em português, traduzido do inglês, contém: as falas de apresentação, os comentários finais, as intervenções e as discussões que seguiram as intervenções. São 30 horas de falas: editadas, escritas, transcritas, traduzidas, revisadas, traduzidas, lidas.

Pista 2: *Da estrutura como intromistura*

Localizamos a capa de um livro, *Lacan Oral*, Ed. Xavier Bóveda; nela aparecem três títulos e um deles é: *Discurso de Baltimore*. Infelizmente não tivemos acesso ao volume, mas sabemos por vários meios que esse discurso é a fala de Lacan de 1966, no Simpósio, de Baltimore, é claro. Outro volume que consultamos é: *Los lenguajes críticos y las ciencias del hombre. Controversia estructuralista*, editado em Barcelona por Barral em 1972 e traduzido por José Manuel Llorca. Trata-se da tradução em espanhol do livro que reúne as conferências do simpósio de Baltimore. Nesse volume, a conferência de Lacan – aquela que incluía a estranha *intromistura* localizada na tradução brasileira, ou o Discurso de Baltimore, para os entendidos com Lacan Oral – aparece com o seguinte título: *De la estructura como ‘inmixing’ del prerrequisito de alteridad de cualquiera de los otros temas*.

Nem sombra do inglês, porque cartografia não é para inglês ver.

Em espanhol há outra tradução – avulsa – da conferência de Lacan realizada por Leonel Sanchez Trapani. Publicada no número 13 da revista *Acheronta*, em 2001, está apresentada com o seguinte título: *Acerca de la estructura como mixtura de una Otredad, condición sine qua non de absolutamente cualquier sujeto*. Os pormenores da tradução aparecem em forma de comentário. Sanchez Trapani nos informa que se trata de uma tradução direta do inglês, cotejada com uma tradução francesa e com outra tradução em espanhol realizada pela Escuela de Psicoanálisis de Córdoba (?). Pensamos que se trata do trabalho publicado em *Lacan Oral* que, pelo título, parece ser a mesma de Barral. Sanchez Trapani acrescenta várias notas de tradução que parecem, por um lado, visar a facilitação, e por outro, mostrar os impasses do seu trabalho. Sobre o título, disse que a escolha de *mixtura* para traduzir *inmixing* teria sido porque *inmixión*, opção que circula no meio (da psicanálise), não faz parte de “nosso idioma”.

Neste ponto, não sabemos mais de que idioma estamos falando. A procura de um termo em outra língua, de rumo previsível, parece ter se esgarçado. Já não sabemos nem em que língua falava Lacan. Será que estamos na “zona” de tradução?

O comentário de tradução é realizado na “zona”, lugar do entre, *in-between*, que desafia os gênios das línguas (Cassin, 2022). Será que é essa a “zona” que Lacan tenta mostrar quando pronunciou a sua conferência em inglês carregado de sotaque e atravessado pelo francês?

Pista 3: Os títulos e Intervenções

Tentemos retomar o percurso que vai de uma palavra, para um conjunto de títulos em diversas línguas, em várias traduções.

Quadro 2

Língua	Título da conferência	Informações
Inglês	Of structure as an inmixing of an otherness prerequisite to any subject whatever	<i>The Languages of Criticism and the Sciences of Man: The structuralist Controversy</i> . R. Macksey et E. Donato (Dir.) Baltimore et Londres, The Johns Hopkins Press, 1970, p. 186-195.
Francês	De la structure comme une immixtion d'une condition préalable à l'altérité n'importe quel sujet	Groupe de Travail Lutecium - www.lutecium.fr Também em <i>Pas-tout Lacan</i> https://ecole-lacanienne.net/bibliolacan/pas-tout-lacan/
Espanhol	Discurso de Baltimore: De la estructura como 'inmixing' del prerequisite de alteridad de cualquiera de los otros temas.	<i>Los lenguajes críticos y las ciencias del hombre</i> . Controversia Estructuralista. Barcelona: Barral, 1972. <i>Lacan Oral</i> , Xavier Bóveda Ediciones, Buenos Aires, 1983.
	Acerca de la estructura como mixtura de una Otredad, condición sine qua non de absolutamente cualquier sujeto	<i>Acheronta</i> Nº 13, julio 2001. Tradução: Leonel Sánchez Trapani.
	Sobre la estructura como una inmixión de una Otredad prerequisite de cualquier sujeto que fuere	Em nota. Seminário 14: La lógica del fantasma — Clase I: 16 de Noviembre de 1966. Tradução: Ricardo Rodríguez Ponte. Circulação interna.
	De la estructura como intromisión de un Otro [de una Alteridad] en tanto que condición previa necesaria [prerequisite necesario] de todo sujeto posible	Para circulação interna. Tradução de Juan Bauzá.
Português	Da estrutura como intromistura de um pré-requisito de alteridade de um sujeito qualquer	<i>A Controvérsia estruturalista: as linguagens da crítica e as ciências do homem</i> . São Paulo: Cultrix, 1976. Tradução de Carlos Alberto Vogt e Clarice Sabóia Madureira.
	Da estrutura como imissão de alteridade, pré-requisito para absolutamente qualquer sujeito	<i>Políticas de Leitura em Psicanálise: enlances entre epistemologia, ética e clínica</i> . Thiago Pereira da Silva. 2020, p. 106. Dissertação de mestrado. O autor informa que se trata de uma tradução sua do título.
	Da estrutura como imissão de uma alteridade que é pré-requisito de qualquer sujeito	Roudinesco, E. <i>Por que a psicanálise?</i> Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2000. Aparece entre parêntese, após o título em inglês.
	Acerca da estrutura como imissão de Outridade, pré-requisito de absolutamente qualquer sujeito	Sujeito e Responsabilidade. Flávia Gomes Dutra, 2015. <i>El rey está desnudo</i> . Revista para el psicoanálisis por venir. Año 8, No 8, oct, 2015. Aparece em nota bibliográfica, entre parêntese, após título em inglês.
	Acerca da estrutura como imissão de uma alteridade prévia a um sujeito qualquer	<i>Revista Opção Lacaniana</i> , 77, agosto, 2017. Sem informações do tradutor.

Fonte: elaboração própria.

O registro não é exaustivo, mas podemos notar como as línguas de tradução (espanhol-português) parecem insuficientes para que caiba o estranho título do Dr. Lacan. Será que o colonizado é que não atinge o dizer do colonizador? É impossível não pensar nisso. Mas é nas línguas menores, no sentido proposto por Deleuze e Guattari (2014), aquelas afetadas pelo grau de des-territorialização, que a variedade é ofertada; zona da tradução, verdade da tradução, “verdade como variedade variável” (Lacan, 1997 *apud* Cassin, 2022, p. 101).

Tentamos nos abster de dar interpretações que detenham o fluxo. Surge assim um outro aspecto que compete aos que nos dedicamos a traduzir teorias. Os danados títulos de obras. Estamos diante de um caso extremo, mas não é o único, há outros *incômodos*.

Outro aspecto que surge em nosso caminho é um breve comentário sobre a conferência de Lacan. Os bastidores indicam que, na reunião de Baltimore, o ritmo das apresentações era marcado

pelo francês. Parece que havia intérpretes (Bernard Vannier e Garald Kamber). No livro que reúne as intervenções encontramos notas de rodapé que informam sobre os textos. A maioria indica que os textos das conferências são traduções para o inglês e, em alguns dos trechos, essas traduções são complementadas por paráfrases retiradas das gravações. O Dr. Lacan parece ter prescindido do apoio do intérprete, e na nota que acompanha a sua conferência se especifica que a comunicação é em inglês, mas não só, em francês também, e nas duas línguas. O texto é mistura de línguas.

Aquela palavra que nos chamou a atenção aparece também em uma das intervenções. Isso é curioso, fomos atingidos por uma palavra que nos fez movimentar, entrar por becos e percorrer estradas. Na apresentação de Mozaré, Lacan pede calma, e reage. Parece que Hyppolite achou o título (ou a palavra *inmixing*) misterioso:

Acho que a primeira vez que a empreguei [*inmixing*] foi precisamente a respeito do sujeito. Sujeitos [...] não são tão isolados quanto pensamos. Eles têm certa forma estrutural, precisamente *intromistura*, que é, propriamente falando, aquela que não pode levar uma discussão como a de hoje, e isto porque não temos certeza de que quem inventa é exatamente alguém que pode ser designado por um nome próprio (Lacan, 1976, p. 61-62).

Percebemos qual foi a chave utilizada por Peusner (2001) quando apresentou seu trabalho sobre a presença do termo *inmixing* na obra de Lacan. Vamos (re)passar a nossa primeira incursão (Escalante, 2015), não sem antes dizer que o plural deste ensaio não tem nada de majestático, é apenas a forma que conseguimos indicar que somos vários. Os nomes próprios “os preservamos por hábito, exclusivamente por hábito” (Deleuze; Guattari, 2021, p. 17).

Pista 4: *Segue a série, sejamos sérios*

Para uma aproximação à noção de sujeito do inconsciente na obra de Lacan, é preciso acompanhar uma elaboração de difícil alcance. Bonoris (2013) oferece uma boa síntese que vai da intersubjetividade, passando pelo problema da disparidade subjetiva até desaguar na *immixtion de Otredad*. Nesta pista, queremos apresentar amostras. Como vai aparecendo a ideia de *inmixing* nas traduções em espanhol e português dos Seminários e nos Escritos?

Começamos pelos Escritos, considerando que haveria, em princípio, maior estabilidade na tradução:

Quadro 3

<i>Écrits</i> . Paris: du Seuil, 1966.	<i>Escritos I</i> . Traducción de Tomás Segovia y Armando Suárez. México: Siglo XXI, 1993.	<i>Escritos</i> . Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
<i>Variantes de la cure-type</i> (1955)	<i>Variantes de la cura-tipo</i> (1955)	<i>Variantes do tratamento-padrão</i> (1955)
En 1966, personne qui suive notre enbeignement sans y voir que le transfert, c'est l' immixtion du temps de savoir. (p. 328)	En 1966, nadie que siga nuestra enseñanza sin ver en ella que la transferencia es la intromisión del tiempo de saber. (p. 316)	Em 1966, não há quem siga nosso ensino sem ver nele que a transferência é a imissão do tempo de saber. (p. 330)
<i>Le Séminaire sur «la lettre volée»</i> (1957)	<i>El seminario sobre “La carta robada”</i> (1957)	<i>O seminário sobre “A carta roubada”</i> (1957)
Et nous ne rappellerons pas maintenant ce qu'y ajoute la notion de l' immixtion des sujets , naguère introduite par nous en reprenant l'analyse du rêve de l'injection d'Irma. (p. 16)	Y no habremos de recordar lo que le añade la noción de inmixión de los sujetos , introducida antaño por nosotros al retomar el análisis del sueño de la inyección de Irma. (p.27-28)	E não recordaremos agora que ela acrescenta a noção de imissão dos sujeitos , outrora introduzida por nós no sonho da injeção de Irma (p. 18)

(continuação Quadro 3)

<i>La Chose Freudienne</i> (1956)	<i>La cosa freudiana</i> (1956)	<i>A coisa freudiana</i> (1956)
[...] tout cela dès lors est reporté bien plus loin, jusqu'à faire objection à définir cette société comme une collection d'individus, quand l'immixtion des sujets y fait un groupe d'une bien autre structure. (p. 415).	–todo eso por consiguiente es transportado mucho más lejos, hasta objetar la definición de esa sociedad como una colección de individuos, cuando la inmixción de los sujetos forma en ella un de muy diferente estructura. (p. 392).	–, tudo isso, por conseguinte, é remetido a muito mais longe, a ponto de objetar a que se defina essa sociedade como uma coleção de indivíduos, quando a imissão dos sujeitos produz nela um grupo de estrutura bem definida. (p. 416-417).

Fonte: Elaboração própria.

A *zona* que havíamos apresentado (Quadro 2), parece ter começado a se estabilizar (Quadro 3). Em espanhol, entretanto, o termo ainda se desliza (de *intromisión* para *inmixión*). Vamos para o Seminário 2.

Quadro 4

Seminário 2 – 9 de março de 1955		
Staferla	Paidós	Zahar
C'est une foule structurée, comme la foule freudienne. Mais j'aimerais mieux vous introduire un autre terme que je vais laisser à votre méditation, c'est celui-ci, avec tous les doubles sens qu'il peut comporter: « l'immixtion des sujets ».	Pero se trata de una multitud estructurada como la multitud freudiana, por eso preferiría introducir otro término, que someteré a vuestra reflexión con todos dobles sentidos que comporta: la inmiscusión de los sujetos .	Mas é uma multidão estruturada, como a multidão freudiana. Eis porque eu preferiria introduzir um outro termo, que vou deixar para que meditem com todos os duplos sentidos que comporta - a imissão dos sujeitos .

Fonte: Elaboração própria.

Parece que, em português, o termo toma o território de *imissão*, deixando de fora *intromistura*. Já em espanhol, os perímetros são um pouco mais difusos, embora cada vez mais recortados. De qualquer forma, como menciona o próprio Lacan no fragmento, estamos no incômodo, por isso refletimos, com Cassin (2020, p. 72): “com a tradução, há sempre um confronto entre dois equívocos que não são sobreponíveis”. Se já no francês de Lacan há duplicidade, ela se multiplica na tradução, termo que não termina.

Termo, eis a forma com a qual Lacan apresenta *immixtion*; termo que vai, aos poucos, aparecendo perto dos *sujetos*, no plural. Refletindo sobre os movimentos, chegamos a pensar que não há como sair do múltiplo. Isso se apresenta não só em palavras de difícil tradução, mas é irreduzível à linguagem. O equívoco, a multiplicidade, a diferença estão sempre em relação aos pactos; língua maior que prima por estabelecer o estado das coisas.

Pista 5: Território institucional

Intromistura foi traduzida por entrometimiento (Escalante, 2015), mas a zona não cessou. Continuamos traduzindo teorias psicanalíticas. Podemos elencar as categorias de problemas ou as especificidades textuais que norteiam o trabalho de tradução de teorias: citações, títulos, termos, presença de palavras de vários idiomas. Nesses trabalhos de tradução pairam sobre nós as pegadas do alemão e do francês. A consulta de traduções é estação obrigatória, o espaço das notas de tradução é uma estratégia, as reformulações de frases são frequentes... Tudo isso é muito válido, mas aqui a reflexão é outra.

Não existe língua em si, nem universalidade da linguagem, mas um concurso de dialetos, de patoás, de gírias, de línguas especiais. Não existe locutor-auditor

ideal, como também não existe comunidade homogênea. A língua é, segundo a fórmula de Weinreich, “uma realidade essencialmente heterogênea”. Não existe uma língua mãe, mas tomada de poder de uma língua dominante [maior] dentro de uma multiplicidade política. A língua se estabiliza dentro de uma paróquia, de um bispado, de uma capital (Deleuze; Guattari, 2021, p. 23).

No livro do psicanalista argentino Alfredo Eidelsztein (2018), *inmixión* apresenta sete ocorrências, a primeira delas em nota, como no caso de Palazzo Nazar (2009). As outras vezes que aparece o termo (acompanhado) é ao longo do texto. Neste caso, trabalhamos para uma editora; consideramos a paróquia dos psicanalistas (argentinos e brasileiros), e as filiações. Eidelsztein lidera uma sociedade de psicanalistas com sedes em vários países e línguas,³ e nosso projeto de tradução não desconsidera esse fato.

Quadro 5

<i>El origen del sujeto en psicoanálisis</i> Buenos Aires, Letra Viva, 2018	<i>A origem do sujeito em psicanálise</i> São Paulo, Toro Editora, 2020
6. Propongo traducir parlêtre por “ hablanser ”, debido a que respeta: 1) que el ser es creación del hablar (‘hablanser’), 2) que es condición particular (‘ser’ y no seres) y 3) que introduce la polifonía, las voces en plural, de la inmixión (término que defino como la mezcla que impide distinguir los elementos mixturados) de otredad, rechazando así al individualismo (‘hablan’).	4. Proponho traduzir “ <i>parlêtre</i> ” por “ <i>hablanser</i> ”, por dizer respeito a: 1) que o ser é a criação do falar, 2) que é condição particular (“ser” e não seres) e 3) que introduz a polifonia, as vozes no plural)

Fonte: Elaboração própria.

Na tradução, omitimos parte da nota e, mais adiante (nota 44), em outro momento do texto que consideramos pertinente, introduzimos a seguinte nota de tradução:

A construção *Inmixión de Otredad* foi traduzida por: “imissão de Outridade”. Para nos decidir por “imissão”, foi realizado um mapeamento no *corpus* de traduções brasileiras dos Escritos e Seminários de Lacan e, também, em textos paralelos do campo psicanalítico em língua portuguesa. No dicionário Aurélio, o significado de imissão refere: intromissão, mistura, ingerência. No que respeita a “Outridade”, preferimos esse termo em lugar de alteridade, justamente para dar valor conceitual dentro da teorização lacaniana, aspecto que se encontra articulado nas elaborações realizadas por Eidelsztein. Cabe mencionar que, em 1976 [sic], na Universidade John Hopkins, Jacques Lacan proferiu uma palestra intitulada: *Of Structure as an Inmixing of an Otherness Prerequisite to any Subject Whatever*. Esse texto conta com uma tradução em português, publicada em 1976, pela Cultrix, SP, com o título: *Da estrutura como intromistura de um pré-requisito de alteridade e um sujeito qualquer*. Como se pode observar, a escolha dos tradutores parece causar menos ruído aos ouvidos do leitor. No entanto, ao introduzir “imissão de Outridade”, optamos por causar incômodo na medida em que apostamos na tradução como lócus para apresentar ou relançar discussões em psicanálise (Eidelsztein, 2020, nota 44, p. 78-79).

Essa nota é uma extensão da pesquisa sobre *intromistura* (Pista 1), passa por alguns dos aspectos das pistas 2, 3 e 4, chega à estabilização pela filiação institucional e nos remete ao comentário de Zavaglia, Renard e Janczur (2015) sobre a possível distinção entre o trabalho

³ APOla: Apertura para outro Lacan. <http://apola.online/apola>

acadêmico de tradução comentada e o trabalho editorial. Pelo menos neste caso, é impossível marcar as fronteiras.

Nossa cartografia do comentário é uma errância, trilha sem início nem fim, mas com retornos e detenções.

CONSIDERAÇÕES

Chega o momento de juntar os fios soltos, pelo menos é isso o que se costuma fazer quando atingimos o ponto em que ficamos agradáveis e dizemos, “o sol nasce, quando todo mundo sabe que é apenas uma maneira de falar” (Deleuze; Guattari, 2021, p. 17).

Neste trabalho entramos no território da tradução de teorias psicanalíticas desenhando um ensaio cartográfico para relacionar *tradução comentada* com a *escrita da zona de tradução*. Hospedados no território da tradução, nós apoiamos no vaivém da cartografia como forma de escrita do comentário; um território de escrita nômade e rizomática. Não se trata de uma tentativa de descoberta, apenas andar, muitas vezes sem sair do lugar, mas nunca sedentários.

Fomos percorrendo os caminhos de um termo de Lacan por várias línguas: *inmixing*. E intuímos que na época da chamada *Conferência de Baltimore*, o psicanalista optou por mesclar as línguas, performando, quiçá sem sucesso, seu devir pantera cor de rosa (Deleuze; Guattari, 2021, p. 28).

a que chama [Kristeva] metalíngua? O que quer dizer metalíngua se não é a tradução? Não é possível falar de uma língua senão em outra língua; certamente, em outra época disse outra coisa, isto é, não há metalinguagem, há um embrião de metalinguagem, mas sempre se escorrega por uma simples razão, não conheço mais linguagem do que uma série de línguas encarnadas (Lacan, 17 maio 1977, tradução nossa).

Nas línguas da tradução há uma força de multiplicidade que fomos percorrendo por pistas. Entretanto, esses sinais de desterritorialização, foram tomando uma pausa quando fomos avançando. Pode-se pensar que se trata de um efeito da própria teorização, entretanto, preferimos olhar para o seguinte paradoxo: a tradução ora surte um efeito de desterritorialização, ora vira ritornelo territorial, especialmente quando o tronco institucional que envolve a tradução estabiliza os enunciados.

REFERÊNCIAS

ARDUINI, S.; NERGAARD, S. Translation: a new paradigm. *Translation a Transdisciplinary Journal*. Disponível em: <http://translation.fusp.it/issues/issue-2>. Acesso em: 5 set. 2021.

BONORIS, B. El sujeto como intervalo: de la intersubjetividad a la inmixture de otredad. *In: CONGRESO INTERNACIONAL DE INVESTIGACIÓN Y PRÁCTICA PROFESIONAL EN PSICOLOGÍA, 5.; JORNADAS DE INVESTIGACIÓN NOVENO ENCUESTRO DE INVESTIGADORES EN PSICOLOGÍA DEL MERCOSUR, 20*. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2013. p. 80-83. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/paper/EL-SUJETO-COMO-INTERVALO%3A-DE-LA-INTERSUBJETIVIDAD-A-Bonoris/a41d113f1ea1eb8db9a0f44d231297b36777497b>. Acesso em: 27 jan. 2023.

- CASSIN, B. *Elogio da tradução: complicar o universal*. Tradução de Daniel Falkembach e Simone Petry. São Paulo: WMF Martins Ponte, 2022.
- COSTA, L. B. A cartografia parece ser mais uma ética (e uma política) do que uma metodologia de pesquisa. *Revista Paralelo 31*, Pelotas, v. 2, ed. 15, p. 10-35, dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/paralelo/article/view/20997>. Acesso em: 3 fev. 2023.
- COSTA, L. B.; AMORIM, A. S. Uma introdução à teoria das linhas para a cartografia. *Atos de Pesquisa em Educação*, Blumenau, v. 14, n. 3, p. 912-933, set./dez. 2019. Disponível em: <https://proxy.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/%20article/view/8045/4450>. Acesso em: 8 jan. 2023.
- DELEUZE, G. *Crítica e clínica*. Tradução de Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Edições 34, 1997.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. Rio de Janeiro: Editora 34, 2010.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Kafka: por uma literatura menor*. Tradução de Cíntia Vieira da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*. Tradução de Aurelio Guerra e Neto Celia P. Costa. São Paulo: Editora 34, 2021. v. 1.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2019. v. 3.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2020. v. 4.
- EIDELSZTEIN, A. *A origem do sujeito em psicanálise*. Tradução de Alba Escalante e Vivian Tonato Padilha. São Paulo: Toro Editora, 2020.
- EIDELSZTEIN, A. *El origen del sujeto en psicoanálisis: del Big Bang de lenguaje y el discurso*. Buenos Aires: Letra Viva, 2018.
- ESCALANTE, A. *Semejantes extraños: traducción comentada de O sujeito e seu texto*, de Teresa Palazzo Nazar 2015. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2015.
- FREUD, S. *O incômodo*. Tradução de Paulo Sérgio de S. Júnior. São Paulo: Blucher, (1919) 2021.
- KASTRUP, V. Pista 2. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 32-51.
- KRUTZEN, H. *Índex: de referências dos Seminários de Jacques Lacan 1952 a 1980*. Coordenação da revisão e tradução de Michele Roman Faria. São Paulo: Toro Editora, 2022.
- LACAN, J. Acerca de la estructura como mixtura de una otredad, condición sine que non de absolutamente cualquier sujeto. Tradução de Leonel Sánchez. *Acheronta*, n. 13, p. 106-117, jul. 2001. Disponível em: <http://www.acheronta.org/lacan.htm>. Acesso em: 13 enero 2013.

- LACAN, J. Da estrutura como intromistura de um pré-requisito de alteridade de um sujeito qualquer. In: MACKSEY, R.; DONATO, E. (org.). *A controvérsia estruturalista: as linguagens da crítica e as ciências do homem*. Tradução de Carlos Alberto Vogt e Clarice Sabóia Madureira. São Paulo: Cultrix, 1976. p. 198-229.
- LACAN, J. De la estructura como “Inmixing” del prerrequisito de alteridad de cualquiera de los otros temas. In: MACKSEY, R.; DONATO, E. (org.). *Los lenguajes críticos y las ciencias del hombre: controversia estruturalista*. Tradução de José Manuel Llorca. Barcelona: Barral, 1972.
- LACAN, J. *Écrits*. Paris: du Seuil, 1966.
- LACAN, J. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- LACAN, J. *Escritos*. Tradução de Tomás Segovia. México: Siglo XXI, 1994. 2v.
- LACAN, J. *El Seminario – Libro 2: el yo en la teoría de Freud y en la técnica psicoanalítica*. Texto establecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de Irene Agoff. Buenos Aires: Paidós, 1985.
- LACAN, J. *O Seminário – livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de Marie Christine L. Penot. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- LACAN, J. Of structure as an inmixing of an otherness prerequisite to any subject whatever. In: MACKSEY, R.; DONATO, E. (org.). *The structuralist controversy: the languages of criticism and the sciences of man*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2007. p. 186-194.
- LACAN, J. *Séminaire 2: Le Moi*. Disponível em: <http://staferla.free.fr/S2/S2.htm>. Acesso em: 10 jan. 2023.
- MESCHONNIC, H. *Ética y política del traducir*. Tradução de Hugo Sabino. Buenos Aires: Leviatán, 2007.
- PASSOS, E.; BARROS, R. B. Pista 1. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V. ESCÓSSIA, L. (org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 17-31.
- PALAZZO NAZAR, T. P. *O sujeito e seu texto: psicanálise, arte e filosofia*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2009.
- PEUSNER, P. Acerca de la entrada del término “immixiom” en la obra de Jacques Lacan. *Nota filológica. Acheronta*, n. 14, p. 188-193, dic. 2001. Disponível em: <http://www.acheronta.org/lacan.htm>. Acesso em: 15 jan. 2023.
- ROLNIK, S. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: UFRGS, Sulina, 2016.
- ROUDINESCO, E. *Por que a psicanálise?* Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- TOMEI, M. *Topología elemental: un saber previo a la lectura de Jacques Lacan*. Buenos Aires: Sara Oliva, 1993.
- TORRES, M.-H. C. Por que e como pesquisar a tradução comentada? In: FREITAS, L. F. de; TORRES, M.-H. C.; COSTA, W. C. (org.). *Literatura traduzida: tradução comentada e*

comentários da tradução. Fortaleza: Substância, 2017. v. 2, p. 15-35. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/40930/1/2017_capliv_mhtorres.pdf. Acesso em: 20 jan. 2023.

WILLIAMS, J.; CHESTERMAN, A. *The map: a beginner's guide to doing research in Translation Studies*. Manchester: St. Jerome Publishing, 2002.

ZAVAGLIA, A.; RENARD, C. M. C.; JANCZUR, C. A tradução comentada em contexto acadêmico: reflexões iniciais e exemplos de um gênero textual em construção. *Aletria*, Belo Horizonte, v. 25, n. 2, p. 331-352, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/18655>. Acesso em: 20 jan. 2023.

Sites

dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/0991635190935929. Acesso em: 13 jan. 2023.

<http://apola.online/apola>. Acesso em: 17 jan. 2023.